

# A sala de aula e o papel das pulsões na formação humana:

um olhar direcionado ao aluno

Fábio Sagula de Oliveira

**Como citar:** OLIVEIRA, F. S. A sala de aula e o papel das pulsões na formação humana: um olhar direcionado ao aluno. *In:* CARVALHO, A. B. (org.). **Educação, ética, interculturalidade e saberes decoloniais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 141-162 DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p141-162>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# **A Sala de Aula e o Papel das Pulsões na Formação Humana: um olhar direcionado ao aluno**

Fabio Sagula de OLIVEIRA<sup>29</sup>

## **Introdução**

Os questionamentos acerca do que é esperado das instituições de ensino e sobre os papéis dos alunos e professores na construção do conhecimento, são apenas alguns dos mais recorrentes quando se busca pelas respostas pelo sucesso ou fracasso escolar. Ainda que não existam fórmulas mágicas ou receitas prontas, é possível atuar no sentido de minimizar certos problemas rotineiramente enfrentados pelos gestores, famílias, professores e alunos. Para isso, se deve conhecer ou buscar compreender o cerne das problemáticas mais comuns. Atualmente, o papel da escola parece se resumir em oferecer certos conhecimentos para que os educandos sejam capazes de avançar para a etapa seguinte, seja essa o mercado de trabalho ou a educação superior. Obter este tipo de conhecimento, no entanto, não garante que o educando será capaz de colocá-lo em prática em situações reais e tampouco que esse sujeito possua uma formação ética e moral necessária para uma vida em sociedade. Em

---

<sup>29</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Campus de Marília. Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Assis. Docente do Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO). E-mail: [fso07@yahoo.com.br](mailto:fso07@yahoo.com.br).

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p141-162>

meio a essas discussões, é importante repensar o papel do professor no sentido de acompanhar as tendências pedagógicas e psicológicas mais recentes. O professor deixou de ser o exclusivo detentor do conhecimento para se tornar um mediador das aprendizagens. No entanto, dialogar com um professor acerca de seu ofício representa, em grande parte das vezes, entrar em contato com um histórico de desvalorização, escassez de recursos, pouco ou nenhum apoio das instituições nas quais trabalham e relatos das mais diversas formas de violência sofridas, sem contar com uma espécie de apatia ou falta de perspectiva de vida por parte dos alunos. Tendo em vista este panorama, fica difícil o docente acreditar na importância de seu trabalho e consolidar uma identidade profissional forte o bastante para o desempenho pleno de sua função.

Os alunos, por sua vez, ao adentrarem o espaço escolar carregam bagagem importante de sentimentos, desejos, anseios, vontades e saberes. Compreender os fenômenos psíquicos que se manifestam na relação do aluno com o professor, o que eles esperam de seus mestres, é algo de vital importância na busca pelo sucesso das práticas escolares. Compreender que nem tudo resulta da ação consciente, por parte do aluno, é algo que os professores deveriam ser capacitados para compreender.

É no sentido de investigar as possíveis causas da violência cada vez mais presente nas escolas, ao mesmo tempo que se aprofunda o conhecimento acerca da relação professor/aluno, que o presente trabalho se desenvolve. A metodologia empregada foi a de revisão bibliográfica em materiais que tratassem do tema abordado.

## O professor e os desafios na sala de aula

Se o sujeito percebe que seu trabalho não é valorizado e que acaba por não fazer muita diferença na vida de sua “clientela”, não há real motivação em continuar desempenhando o mesmo. Não é raro encontrar exemplos em que a autoridade do docente em sala de aula foi desafiada pelos alunos de maneira violenta ou desproporcional. O professor, por sua vez, tem sua didática violada e suas estratégias de ensino e avaliação ignoradas quando é impelido a promover o aluno que não está em condições de avançar devido a questões de cunho político-administrativo.

Os alunos de hoje em dia estão cada vez mais questionadores, mas nem sempre isso se relaciona com o desejo real de participar de seu processo de formação. Estar sentado em uma carteira, se concentrando no que o professor fala ou em tarefas muitas vezes significa renunciar a outros prazeres que podem ser imediatamente encontrados em uma série de apetrechos tecnológicos. Investir sua atenção em atividades e conteúdos escolares tende a ser bem menos divertido do que enviar ou receber mensagens pelo celular, ouvir as músicas, ver vídeos e memes que estão em alta, ou acompanhar em tempo real os acontecimentos noticiados nas mais diversas modalidades de infotainment (GITLIN, 2003). Certamente todos estes aparatos tecnológicos de comunicação, entretenimento e informação que estão presentes na sociedade são importantes para a formação e para a vida dos sujeitos, mas o que chama a atenção é que esses equipamentos vêm impondo sua onipresença também dentro de sala de aula, onde os conteúdos e as exigências são outras.

É louvável a iniciativa dos professores que buscam utilizar as redes sociais e os aparelhos celulares como instrumento de pesquisa e como recursos na construção do conhecimento, mas não existem conteúdos cuja

aprendizagem exige outros tipos de estratégias e postura? Buscar a solução do problema na internet não necessariamente ensina o aluno a pensar, mas antes pode reforçar sua já internalizada habilidade de procurar informações na *web*. Saber onde encontrar essas informações não significa saber utilizá-las quando necessário e muito menos ser capaz de relacioná-las a outras informações na solução de determinado problema ou mesmo para a compreensão da realidade.

A capacidade de ouvir o que o outro tem a dizer parece não combinar com o fluxo de informações que as pessoas recebem diariamente e a todo instante. Essa mudança de panorama é mais perceptível nas novas gerações, visto que já nascem imersas nesse contexto. (GITLIN, 2003). É notório que escrever mensagens instantâneas fez com que os jovens voltassem a escrever e que isso é ótimo; cabe o questionamento sobre qual seria a vantagem de entrar em contato com a linguagem escrita se isso é feito de maneira incorreta e descontextualizada. Qual seria a vantagem de o jovem voltar sua atenção para escrita se esse o faz sem obedecer às regras básicas da gramática? A questão é se essa “eficiência” comunicativa não depõe contra o desenvolvimento de outras funções psicológicas, como a memória, a abstração e a capacidade de organizar as ideias. Agindo desta maneira, não estarão as pessoas regredindo às condições de predomínio das paixões? E esta condição não seria o inverso da civilidade necessária para a vida em sociedade? (VIEIRA, 2001).

Cabe ressaltar que o problema não é a ferramenta em si, mas sim o seu uso desenfreado. Permitir que determinado artefato invada o cotidiano das pessoas, de maneira tão onipresente, acarreta modificações na subjetividade humana, podendo inclusive colocar em xeque a organização da sociedade e, conseqüentemente, a convivência entre seus membros.

## As pulsões e a formação humana

Como exigir do sujeito a capacidade de sublimar as paixões que ele nem sabe que possui? Ou melhor, paixões que tomam atalhos tão rapidamente para a satisfação que acabam por se diluir entre uma satisfação e outra. Pulsão de vida e Pulsão de morte são pulverizadas em fragmentos de informações e satisfações momentâneas, fazendo o sujeito tomar determinadas atitudes porque “é legal”, sem que haja nenhum tipo de reflexão a este respeito. Evitar o que “é chato” é inerente à natureza humana, porém, não é toda situação desagradável que pode ser evitada sem nenhum tipo de consequência para o sujeito ou para a sociedade à qual pertence.

Entrar no mundo adulto significa estar preparado para arcar com inúmeras responsabilidades, bem como assumir as consequências pelos próprios atos. Quando as pessoas são privadas de experiências que as habilitem para lidar com as diversas responsabilidades que lhes cabem, o enfrentamento da vida adulta pode ficar comprometido. Desde criança, experiências de esquiva das frustrações acabam por reforçar a ideia de que não é necessário se responsabilizar pelas consequências de suas ações e, caso não haja nenhuma interrupção, resulta na formação de adultos sem perspectiva e com sérias dificuldades de se inserirem na vida social. Em um movimento mútuo, indivíduos e sociedade reforçam posturas imediatistas e displicentes.

Nesse contexto, um dos conceitos oriundos da Psicanálise e que podemos utilizar aqui é o de dessublimação. Enquanto por sublimação se compreende o processo de canalizar a energia sexual em uma ação benéfica e controlada, o de dessublimação diz respeito a substituição da

satisfação mediata por satisfação imediata. Mas é dessublimação praticada de uma ‘posição de vigor’ por parte da sociedade, que está capacitada a conceder mais do que antes pelo fato de os seus interesses se terem tornado os impulsos mais íntimos de seus cidadãos e porque os prazeres que ela concede promovem a coesão e o contentamento sociais (MARCUSE, 1979, p. 82).

Esse processo de dessublimação se intensifica na medida em que não parece adiantar tentar capacitar os alunos para conteúdos acadêmicos se nestes estudantes ainda não foram desenvolvidos aspectos da personalidade extremamente importantes, para não dizer essenciais, para uma conduta em sala de aula coerente com tal objetivo. Ainda mais: não foram desenvolvidas posturas, frente à realidade, pautadas no processo secundário, no adiamento das satisfações e na tolerância às frustrações.

Quando se está inserido em sociedade, invariavelmente, deve se estar comprometido com hábitos, valores e comportamentos comuns. Para os alunos inseridos na cultura midiática da sociedade unidimensional, cuja velocidade e transitoriedade de informações são características que já se instauraram e são vistas como naturais pela grande maioria de seus membros, o funcionamento das instituições de ensino possivelmente causa um estranhamento por parte dos alunos e certo desconforto entre pais, alunos e professores, entretanto, tal estranhamento deveria ser utilizado como elemento constituinte das disciplinas, levando a uma reflexão por parte das pessoas envolvidas e uma ampliação de pontos de vista. Obviamente, tal ação não se constitui em tarefa fácil, porém é algo que não pode ser ignorado ou relegado a ser trabalhado de maneira estanque e isolada por apenas algumas matérias – geralmente aquelas que não gozam de prestígio quando o assunto é vestibular ou mesmo “implicações práticas” para a vida.

Hoje estamos mergulhados em uma cultura que supervaloriza os prazeres. Uma cultura que se apoderou de algumas reivindicações libertadoras dos anos 60 e desenvolveu a resposta na forma de mercadorias: todos os prazeres que você puder imaginar estão à sua disposição no mercado (KEHL, 1987, p. 471).

A busca incessante pelas satisfações que estão ao alcance de considerável parcela da população acaba por entrar em consonância como ritmo acelerado da vida moderna e com a obsolescência de seus valores e informações, o que influi, em maior ou menor grau, na maneira com que alunos, pais e até mesmo professores enxergam os conteúdos escolares. Artefatos tecnológicos influenciam o meio e as formas de subjetividade por consequência. (POSTMAN, 2005).

A renúncia às satisfações transitórias desponta como comportamento de certo modo antinatural e até mesmo sem sentido em meio a sociedade, e esse fato impele o sujeito a voltar suas energias para atitudes primitivas de seu desenvolvimento, tal como um bebê cujo aparelho psíquico não está amadurecido suficientemente para lidar com as facetas não tão agradáveis da realidade ou para encarar as consequências de seus próprios atos (LASHC, 1986).

O cotidiano das instituições de ensino é permeado por diversas manifestações que acabam por evidenciar problemas nos métodos e nas técnicas de transmissão e construção do saber. Além disso, o espaço escolar/acadêmico acaba por funcionar como ponto de convergência de uma série de efeitos da organização da sociedade, das configurações culturais e econômicas. As manifestações de violência e hostilidade possíveis de serem vistas no cotidiano das mais diversas instituições de ensino parecem consistir em elementos cuja análise e reflexão pode trazer



novas perspectivas acerca do contexto educativo e até mesmo da organização social em termos mais abrangentes.

Cabe ressaltar que atos de agressão e violência podem vir à tona de modo imediato no calor do momento ou serem planejados, e não será questionada nenhuma destas formas. O que se busca no presente trabalho é evidenciar a existência de conteúdos passionais que atuam diretamente na realização destes atos, possuam eles caráter premeditado ou não. “O ato calculado de violência não dispensa a razão – ao contrário, solicita-a” (MOREIRA *et al.*, 2009, p. 681). Evidencia-se, pois, que a dimensão passional do sujeito influencia tanto em suas ações quanto na lógica e no raciocínio empregado em alguns destes atos carregados de grande hostilidade. De maneira imatura, a percepção do desconforto causado pela frustração elege o causador da frustração como alvo preferencial de manifestações hostis de reprovação e retaliação, sem que antes o aparelho psíquico do agressor se encarregue de refletir acerca da situação de uma maneira mais amadurecida e levar em consideração outras variáveis da situação.

Entendendo o contexto educacional como um recorte da sociedade que carrega inúmeros elementos desta mesma sociedade, a reflexão sobre o que ocorre dentro das instituições também pode auxiliar na compreensão em um âmbito mais amplo da configuração social de que dispomos. O grande número de ocorrências que, de maneira cotidiana, acabam por ocorrer nas instituições de ensino carregam em si aspectos primitivos do humano que, por alguma razão, não estão sendo sublimados.

O desconforto resultante do acúmulo de tensão não parece mais capaz de impulsionar o sujeito a utilizar suas energias (pulsões) de maneira ativa, lidando com os aspectos da realidade que causam sua frustração, visto que a tensão mal é sentida e já pode ser dissipada pelas mais diversas vias que os artefatos tecnológicos colocam à disposição de uma ampla

parcela da população. Seja esquivando-se no consumo, seja lutando para desfrutar deste mesmo consumo, a população se vê às voltas com uma organização social na qual diversas qualidades subjetivas de seus membros parecem ser atrofiadas pelas práticas vigentes. A utilização das diversas frustrações como propulsoras e propiciadoras do pensamento e da reflexão consiste em uma prática cada vez menos presente. As frustrações ainda existem, assim como o acúmulo de tensão delas derivado, mas com a diferença que o nível de tensão não mais alcança um patamar que impulse a utilização dos recursos do ego para lidar de maneira mais coerente e amadurecida com os elementos causadores da frustração. Desconforto brando que, associado à disponibilidade onipresente de “alívio” oferecida pelos artefatos culturais, acaba por ser minimizado, habituando o sujeito a um nível cada vez menor de tensão e atrofiando a utilização de recursos subjetivos para lidar com as eventuais tensões e frustrações cotidianas.

A irracionalidade da conduta violenta deve-se ao fato de que a razão desconhece os móveis verdadeiros de suas intenções e finalidades. Ela é irracional quando e porque se dirige a objetos substitutivos, na acepção psicanalítica. Ao contrário do animal que não ‘deseja’ – necessita, a violência humana porta a marca de um desejo (MOREIRA *et al.*, 2009, p. 681).

O desejo de eliminar a fonte de frustração ou tensão parece lançar mão do aparato cognitivo para traçar planos de ação para que a pulsão se manifeste mesmo que parcialmente. Dentro desta lógica, o abrandamento de consequências significativas para os atos hostis, parece reduzir ainda mais os limites entre o desejo e sua realização/manifestação. Portanto, parecem estar envolvidos no fenômeno da violência, elementos

constitucionais da subjetividade do sujeito (baixa tolerância à frustração, pautada no princípio do prazer) e elementos ambientais (possibilidade de gratificação excessiva e ausência de consequências proporcionais aos atos de violência).

Esta configuração de elementos e práticas, características da sociedade unidimensional e do funcionamento psíquico, induzem os sujeitos às práticas que privilegiam a percepção superficial de suas frustrações, sem a possibilidade de reflexão e pensamento a respeito dos motivos e consequências destas mesmas frustrações, que se encontram subavaliadas pelo próprio sujeito. Nas situações de hostilidade e violência, é possível encontrar elementos que sustentam a hipótese em questão.

Obviamente não seria esperado encontrar “boas notícias”, entretanto, chama a atenção o grande número deste tipo de informação relacionada a violência, o que demonstra que os eventos violentos atrelados ao cotidiano educacional se evidenciam. Além do mais, se pode compreender que a Psicanálise não propõe nenhuma fórmula mágica capaz de explicar todos os motivos das situações violentas e hostis que se manifestam nas instituições de ensino. Desta forma, elementos da teoria psicanalítica auxiliam na compreensão, mas não esgotam os assuntos, as reflexões e as possibilidades de intervenção. O inconsciente freudiano é fugidivo, ele tem em sua medula um “enigma” e é, portanto, inconsistente; nenhuma “verdade” sobre ele – o que quer que seja comunicável sobre ele – basta (FORBES, 2013, p. 12).

Considerados inerentes à natureza humana os elementos de hostilidade e violência, estas características se fazem presentes, estando mais ou menos sob controle, mascaradas ou sublimadas, em todas as parcelas da população. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada pelo risco da desintegração. O interesse pelo trabalho em

comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis (FREUD, 1930/1996, p. 70).

A atribuição de papéis e tarefas entre os elementos constitutivos das estruturas de ensino denotam que, por uma questão de desempenho de função e de demandas específicas, as partes envolvidas precisam se empenhar na realização das tarefas que lhe cabem, sob o risco do processo todo de ensino e aprendizagem entrar em colapso (AQUINO, 1998). Neste contexto, a Psicanálise também defende que determinadas posturas devem ser desempenhadas por personagens específicos, também sob o risco de os processos serem boicotados, deturpados ou falhos. A eliminação das paixões, ou melhor, as tentativas de eliminá-las, não solucionaram as questões mais conflituosas e presentes nas relações de ensino e aprendizagem, assim como a racionalização técnica também não o fez. Cabe, portanto, a hipótese de que estes aspectos passionais não podem ser negligenciados nem inteiramente sufocados.

Tanto a educação quanto a psicanálise atingiram o objetivo de sua ação caso tenham assegurado aos componentes pulsionais uma abertura a uma organização libidinal satisfatória. Nem o educador nem o psicanalista poderiam arrogar a si o direito de impor fins e objetos às pulsões do paciente ou do educando (MILLOT, 2001, p. 53).

Exprimir as pulsões é algo inevitável, o que parece ser passível de ser contornado vez por outra é o fato dessas expressões se manifestarem de tamanha intensidade e desproporção que acabem colocando em risco, físico ou não, a organização das instituições e das pessoas que as integram. Munidos destas percepções e minimamente familiarizados com alguns elementos da teoria psicanalítica, é possível a reflexão sobre as mais diversas situações, boas e ruins, que se materializam no cotidiano escolar. Para isso,

é necessária a existência de um espaço para que estas reflexões se deem e as angústias e afetos a elas relacionados sejam acolhidos e trabalhados. Sem que haja referência direta à análise e psicoterapia para todos os docentes, mas ao menos que seja garantido um espaço de reflexão que desfrute de condições para a realização deste propósito, condições materiais, temporais e simbólicas.

Tendo em vista o exposto até aqui, parece interessante nos questionarmos acerca das possibilidades de reflexão oriundas das vivências transferenciais, visando à médio e longo prazo que a relação entre quem ensina e quem aprende seja mais frutífera e menos desgastante, na medida em que ambas as partes possam participar efetivamente dos processos pedagógicos de forma que as subjetividades envolvidas sejam levadas em consideração. Cabe ressaltar que levar em consideração não é sinônimo de aceitação incondicional. Problematizar a existência de desejos e demandas inconscientes ou mesmo diferentes das permitidas nas propostas pedagógicas, figura como terreno fértil para o surgimento e para a construção de novas ideias e reinterpretações sobre as situações envolvidas nos processos de ensino e aprendizagem.

Considerando os escritos de Szymanski e Rosa (2012), o aluno, ao longo do processo educativo formal, pode transferir para a figura do professor conteúdos amistosos ou hostis advindos de suas vivências anteriores e cuja percepção é de caráter inconsciente. Sendo assim, a leitura psicanalítica pontua que estes elementos transferidos não devem ser considerados direcionados/causados à figura do docente. O professor aparece como um dos primeiros substitutos das figuras parentais, principalmente, pelo fato de ocupar um lugar simbólico relacionado às regras e valores diretamente relacionados ao princípio de realidade que embasam a conduta da sociedade e contrariam o princípio de prazer. Desta forma, o professor não apenas transmite o conhecimento como também

funciona como receptáculo de diversos afetos e sentimentos arcaicos destinados originalmente às figuras parentais, servindo, portanto, como parâmetro de conduta para as crianças (SILVA, 2005). Deste modo, a percepção da dinâmica transferencial torna-se relevante para a aprendizagem do aluno e para a reflexão acerca de questões inerentes aos processos de ensino e aprendizagem.

O processo de desautorização do docente, independente dos motivos que conduziram a esta situação, acabou por retirar do professor a segurança e autonomia para lidar com as intercorrências em sala de aula, deixando-o muitas vezes assustado/acuado e aparentemente sem recursos para lidar com os fatos. “A violência se situa, assim, como uma resposta ao declínio social do mestre” (BISPO; LIMA, 2014, p. 166). Além disso, se antes a autoridade docente servia para proteger a relação dos aspectos transferenciais mais regredidos, como a hostilização e a tensão provocada pela hierarquia, hoje, sem conseguir se apropriar desta autoridade, o docente enfrenta grandes dificuldades para desempenhar suas funções (AQUINO, 1998). Os processos transferenciais sempre ocorreram no contexto educacional, a questão é que nos dias de hoje parece que estes processos permanecem em seu estado primitivo e não evoluem para posturas mais amadurecidas e construtivas na relação professor-aluno.

Nas atividades de cunho pedagógico, pode ser notado o estabelecimento de fenômenos transferenciais advindos de emoções e desejos de ambas as partes envolvidas, tanto nos docentes como também em seus alunos. Portanto é possível compreender que de maneira indissociável, as práticas pedagógicas e os fenômenos de ensino e aprendizagem trazem consigo a manifestação de uma gama de elementos afetivos, inconscientes e arcaicos; e, além disso, estes aspectos “desconhecidos” precisam ser levados em consideração, sem implicar obrigatoriamente no tratamento clínico, para auxiliar uma vinculação

entre as pessoas e os conteúdos envolvidos nas práticas educativas/formadoras no sentido de se desenvolverem de maneira mais agradável e coerente para todos (FINOTO, 2012; SILVA, 2005).

Sendo inevitável às relações humanas, os fenômenos transferenciais e contratransferenciais podem facilitar ou dificultar estas relações pedagógicas (MORGADO, 2012). Dessa forma, cabe aos profissionais envolvidos levar este fato em consideração quando se dedicam a refletir acerca dos acontecimentos que se relacionam, direta ou indiretamente, com as práticas exercidas e vivenciadas em instituições de ensino.

É preciso ressaltar que uma transferência positiva em sala de aula pode também estar na origem de uma sublimação feita com sucesso, ou seja, quando se trata de uma transferência positiva sobre o professor. Pode estar na origem de uma sublimação bem sucedida de todos os objetos de estudo e acarretar mais atividades intelectuais e uma relação positiva com o saber (FILOUX, 2002, p. 62).

Alunos e professores figuram como elementos externos e estranhos que em grande parte dos casos podem funcionar como receptáculos de elementos subjetivos inconscientes de seus companheiros de espaço (KUPFER, 2013). Deste modo, o outro carrega, mesmo que sem se dar conta, conteúdos que não lhes pertence, mas sim projeções de fantasias sobre as quais não exercem controle algum. Fantasias essas que têm chamado atenção pelo seu grau de hostilidade e de falta de preparo das instituições em lidar com elas.

Na constituição psíquica dos sujeitos, o conflito entre as pulsões é motor de suas relações. Cada um com sua especificidade, Eros e Thanatos encontram-se na raiz dos conflitos humanos e a vida se manifesta como resultante destes conflitos. As diversas situações que se manifestam nas

adjacências das instituições de ensino carregam elementos eróticos (advindos de Eros, que visam construção e crescimento) e Thanáticos (inerentes à Thanatos, objetivando a desintegração e o retorno ao grau zero de tensão). As expressões do desejo de aprender e cooperar podem ser citadas como manifestações da pulsão de vida em ambientes escolares, assim como situações de patente desinteresse e hostilidade podem simbolizar a influência da pulsão de morte em sua busca pela desintegração e retorno ao inanimado. (KEHL, 1987).

Destinados a receber transferencialmente afetos de seus alunos, os professores encontram em suas práticas um elemento a mais que pode ou não facilitar o processo de transmissão do conhecimento. Possibilitar os processos de sublimação, auxiliando o sujeito a lidar com as onipresentes frustrações da realidade só é viável na medida em que alunos e docentes conseguem formar uma parceria, cooperando e compartilhando objetivos comuns. Na óptica psicanalítica, a formação de tal relação não depende apenas da boa vontade dos envolvidos e dos aspectos conscientes de cada um dos envolvidos, mas é grandemente influenciada por elementos inconscientes.

Pais e responsáveis precisam renunciar a desejos e expectativas irreais para refletirem sobre o fato de que seus filhos são pessoas com qualidades e limitações que precisam ser trabalhadas para que eles se adaptem à realidade e ocupem lugar coerente e responsável na sociedade. Precisam dar conta de um afastamento de seus filhos para que eles possam realmente se apropriarem dos ambientes de ensino. Precisam acreditar na educação e na capacidade/autoridade dos profissionais aos quais designam o cuidado de seus filhos. Precisam abrir mão de uma parcela de seu tempo, de sua energia e de seu “sossego” para acompanharem o percurso que seus filhos fazem, além de corrigi-los e auxiliá-los quando necessário.



Alunos precisam renunciar às satisfações imaturas para entrarem em contato com conteúdos dos quais necessitarão em seu futuro. Precisam também submeter-se à “vontade” de outras pessoas (professores, educadores, pais, etc.), renunciando à satisfação imediata de seus desejos em nome de aquisições a médio e longo prazo. Abdicar do conhecido para dar espaço para o novo. Investir sua energia em tarefas que, em um primeiro momento, parecem não fazer tanto sentido, lidar com a frustração do não saber e com a dificuldade de passar para a condição de saber como proceder.

A dessublimação institucionalizada parece, assim, ser um aspecto da “conquista da transcendência” conseguida pela sociedade unidimensional. Assim como essa sociedade tende a reduzir e até absorver a oposição (a diferença qualitativa!) no âmbito da política e da cultura superior, também tende a fazê-lo na esfera instintiva. O resultado é a atrofia dos órgãos mentais, impedindo-os de perceber as contradições e alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a Consciência Feliz (MARCUSE, 1979, p. 45).

O inegável progresso tecnológico desfrutado nos dias de hoje, traz consigo o preço a ser pago pela obsolescência e velocidade de bens, serviços e informações. O comprometimento psíquico e, conseqüentemente, da saúde das pessoas e de suas relações, se manifesta cotidianamente. Ideais deturpados de liberdade, associados à voracidade e ao desejo de onipotência, inerentes ao humano (KLEIN, 1996) são utilizados para justificar e incentivar condutas de consumo e posturas frente à realidade. Ao longo da vida do sujeito, tais práticas acabam por influir em sua subjetividade, desencadeando maneiras distintas de lidar com as vicissitudes da realidade.

Tendo em vista que diversos elementos da sociedade e da cultura podem influenciar, mesmo que indiretamente, a subjetividade de seus membros (POSTMAN, 1999-2005) vale supor que este tipo de influência também se expresse nas práticas educativas e nas diversas comunicações existentes nestas práticas. A insegurança típica do adolescente, acerca do próprio corpo e de suas relações sociais, ainda é um fator que intensifica a reação do indivíduo à inveja e pode levar o jovem a ter uma resposta agressiva à pressão para corresponder ao ideal de beleza amplamente difundido.

Outro elemento a se levar em consideração diz respeito ao uso de drogas, o que apresenta grande relação com a baixa tolerância à frustração presente no funcionamento de acordo com o princípio do prazer. Além disso, a venda de substâncias ilícitas figura, para muitos, como a maneira mais coerente (se não a única) para que seja possível ter acesso aos bens de consumo e serviços disponíveis em nossa cultura.

### **Considerações Finais**

Neste texto quisemos verificar a possibilidade de um entendimento mais amplo sobre as variáveis envolvidas nas práticas pedagógicas. As relações que se estabelecem dentro da escola são fruto de ações nem sempre conscientes. As ações de sublimação e dessublimação das pulsões, bem como da transferência de que os professores são alvo por parte de seus alunos, são alguns dos aspectos que podem condicionar o relacionamento entre as partes constituintes do processo educativo.

A capacitação dos profissionais da área educacional mediante o contato com elementos e conceituações psicanalíticas pode figurar como um complemento para que as dinâmicas inerentes às instituições de ensino

possam ser repensadas, de maneira interdisciplinar e integrando as diversas instâncias envolvidas nos processos de ensino e aprendizagem. Cabe ressaltar que não se trata de transformar o docente em psicanalista e, muito menos, em terapeutizar as relações de ensino, mas sim fornecer uma nova perspectiva para se refletir acerca dos fenômenos inerentes às situações de ensino.

A educação só tem sentido quando é capaz de despertar dúvidas em quem aprende, fazendo com que os sujeitos elaborem hipóteses e tenham sua curiosidade mobilizada em função do que aprendem. Quando isso não ocorre, o valor da educação passa a ser questionado, tanto por quem aprende quanto por quem ensina, o que por sua vez dá margem a atitudes perigosas, como o desinteresse, a desmotivação e a violência.

As manifestações de violência, tão presentes nas escolas na atualidade, podem ser atribuídas às questões relacionadas à “diferença de interesses” entre alunos e professores, assim como diferenças entre os próprios alunos, os quais, para lidar com quaisquer intercorrências oriundas desta divergência de pontos de vista, lançam mão de atitudes de confronto – mesmo que indireto – e intimidação. Neste contexto, é possível perceber que a tolerância, à presença do outro e suas necessidades, é baixa, culminando em reações passionais para que as possíveis frustrações advindas deste convívio sejam extirpadas e eliminadas. Seja na figura do docente, seja na figura do colega de escola, considerado – por algum motivo – diferente e ameaçador, existe um trabalho (coletivo, na maioria das vezes) para que este elemento que figura como ameaça e frustração seja punido e excluído do convívio do grupo, mostrando sua fragilidade frente ao suposto poder de retaliação de um grupo de pessoas que “se sentiram incomodadas” pela figura do docente ou mesmo do “diferente”.

Tendo em vista o exposto, parece fazer sentido afirmar que a qualidade das relações transferenciais também influi na qualidade destes

processos de ensino e aprendizagem, o que coloca o professor como peça chave para os desdobramentos do ensino, podendo funcionar como figura capaz de facilitar ou dificultar o desempenho acadêmico, dependendo dos afetos que lhes são depositados e de como lida com este inevitável aspecto da subjetividade humana evidenciado pela Psicanálise. Docentes que se sentem acuados e vitimizados são fruto de um contexto no qual aspectos sociais e psíquicos entram em ressonância, acarretando a manifestação de elementos arcaicos do inconsciente dos docentes no que se refere ao medo e à sensação de falta de recursos.

## Referências

AQUINO, J. G., A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos CEDES**, v. XIX, n47, Campinas, Dezembro 1998. Disponível em <https://bit.ly/36w8dDI>. Acesso em: 20 de ago. de 2019.

BISPO, F. S.; LIMA, N. L. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.30, n.02, p.161-180, Abril-Junho 2014. Disponível em <https://bit.ly/2q5rwD8>. Acesso em: 13 de ago. de 2019.

FILLOUX, J. C. **Psicanálise e Educação**. São Paulo: Editora Expresso e Arte, 2002.

FINOTO, B. A. da S. Identificação e adoecimento: quando o inconsciente atrapalha os estudos. **Anais...** Maringá: UEM, 2012, p. 1-5. Disponível em: <https://bit.ly/2C0ZY4q>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade**: psicanálise do século XXI. Barueri: Manole, 2012.

FREUD, S. (1930 [1929]) Mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.

GITLIN, T. **Mídia sem limites**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KEHL, M. R. A psicanálise e o domínio das paixões. *In*: NOVAES, A. (org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 469-496.

KLEIN, M. O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança (1923). *In*: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPFER, M.C. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. 4ª ed. São Paulo: Escuta, 2013.

LASCH, C. **O mínimo eu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MOREIRA, A. C. G *et al.* Quem tem medo do lobo mau? Juventude, agressividade e violência. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** [online]. 2009, vol.12, n.4, pp. 677-697. ISSN 1415-4714. Disponível em: <https://bit.ly/3279Xj3>. Acesso em: 01 de set. de 2020.

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com os afetos inconscientes**. 3 ed. São Paulo: Summus, 2012.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

POSTMAN, N. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo, Editora Nobel, 2005.

SZYMANSKI, M. L. S.; ROSA, A. C. D. O desejo do aluno no processo de ensino aprendizagem. In: Seminário de pesquisa em educação da Região Sul. **Anais da IX ANPEDSUL**. Caxias do Sul: USC, 2012.

VIEIRA, M.A. **A ética da paixão**: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

